

A DESSACRALIZAÇÃO DA POBREZA FRANCISCANA EM JOSÉ SARAMAGO: ENTRE O LITERÁRIO E O FACTUAL

Bel. Rondinele Augusto Teixeira Passos¹

Dr. Raphael Novaresi Leopoldo²

RESUMO

Este trabalho, articulado nos estudos comparados entre Teologia e Literatura, tem como objetivo considerar se a crítica saramaguiana ao franciscanismo possui alguma correspondência com o factual e como ela poderia ser utilizada em favor do amadurecimento das estruturas eclesiais frente ao contexto da hodiernidade. Seu *corpus* central é a peça *A segunda vida de Francisco de Assis*, do escritor português José Saramago, em leitura dialógico-contrastiva para com as atuais constituições da Ordem Franciscana. Este fazer está assentado em fortuna crítica de ambas as citadas ciências, tratando-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica. As principais considerações obtidas apontam algumas imprecisões do autor, como a consideração da solidariedade para com os pobres como o objetivo da pobreza franciscana, mas também destacam elementos significativos, como a chamada de atenção para a desigualdade social promovida pelo sistema econômico vigente.

PALAVRAS-CHAVE: Teopoética; Saramago; Franciscanismo.

ABSTRACT

This article, articulated on the compared studies between Theology and Literature, has the goal of considering if the saramaguian critique of franciscanism has any correspondence with the factual and how it could be used in favour of the ecclesiastical structures' maturing faced with the context of present times. Its central *corpus* is the play *The Second Life of Francis of Assisi*, by portuguese writer José Saramago, in a dialogic-contrastive reading with the current Franciscan Order constitutions. This action is based on the critical fortune of both the cited sciences, being, therefore, a bibliographical research. The main considerations obtained point to some imprecisions of the author, such as the consideration of the solidarity with the poor as the objective of franciscan poverty, but also emphasize significant elements, such as the call for attention on the social inequality promoted by the current economic system.

KEYWORDS: Theopoetics; Saramago; Franciscanism.

¹ É Frade menor capuchinho, técnico em Edificações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), graduado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Teologia *Mater Ecclesiae* (IFITEME) e bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC). E-mail: rondineleaugusto@live.com. Atua neste artigo na qualidade de pesquisador de iniciação científica.

² Possui graduação em Letras pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) além de mestrado e doutorado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É professor na Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC) e no Instituto Superior de Direito Canônico Santa Catarina (ISDCSC). E-mail: raphanova@gmail.com. Seu papel neste texto é de orientador da pesquisa.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz como tema a dessacralização da pobreza franciscana em José Saramago. No seu desenvolvimento, considerando as qualidades desse literato, pretendemos nos aproximar da resposta às seguintes perguntas: como o escrito *A segunda vida de Francisco de Assis* apresenta a forma dos franciscanos viverem seu carisma, principalmente no quesito *pobreza evangélica*? Haveria alguma correspondência dessa imagem saramaguiana para com a vida dos franciscanos do mundo factual? E, se a resposta for positiva, em que sentido a peça poderia ajudar a pensar e repensar o franciscanismo na contemporaneidade?

Para responder a esse problema de pesquisa, tem-se com objetivo geral analisar o supracitado escrito para identificar nele os elementos que possam contribuir para uma melhor compreensão teológica da pobreza evangélica, mais precisamente na atual prática das três ordens franciscanas masculinas: a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFMCap), a Ordem dos Frades Menores Conventuais (OFMConv) e a Ordem dos Frades Menores Observantes (OFM).³

Nesse contexto, traçamos como objetivos específicos: verificar quais dos fatos apresentados por Saramago correspondem àqueles históricos narrados pelos biógrafos de São Francisco de Assis; comparar as críticas de desvio carismático, suscitadas pelo livro, com a prática atual dos franciscanos bem como com as constituições das três ordens franciscanas masculinas; e identificar as referências feitas às hodiernas questões filosóficas e teológicas – como a opção preferencial pelos pobres – e apresentar suas contribuições e seus limites.

A pesquisa cujo resultado final está registrado nesta publicação se justifica pelo fato de que estudar a vida dos membros mais notáveis da Igreja, como Francisco de Assis, é uma das tarefas da Teologia, já que tal estudo pode auxiliar no entendimento a respeito desses homens e mulheres e, também, da prática de seus seguidores e admiradores, fomentado que a reflexão crítica se some à piedade que normalmente lhe antecede. Estudar a vida de São Francisco e, por extensão, o carisma franciscano, na ótica de José Saramago, poderá trazer iluminação para a própria Teologia, especialmente àquela concernente à Vida Religiosa. Ademais, tal estudo poderá contribuir também com a ciência literária, fornecendo, por exemplo,

³ Essas três ordens, segundo a bula *Ite vos* (1517), do Papa Leão X, e a bula *Religionis Zelus* (1528), do Papa Clemente VII, formam a Primeira Ordem de São Francisco, isto é, o ramo masculino. Ambas são consideradas fundadas por São Francisco, pelo fato de existirem simultaneamente desde os primórdios do franciscanismo, ainda que no início não estivessem separadas institucionalmente. Existem ainda a Segunda (das irmãs clarissas) e a Terceira Ordem (dos seculares, ou seja, dos leigos ou dos padres diocesanos). (PASQUINI, Adriana S. **Os Frades Menores Capuchinhos e a educação no Paraná no século XX (1920-1976)**. 255 p. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017. p. 58-59).

dados da hagiografia tradicional que poderão favorecer a interpretação do livro e até mesmo o surgimento de novos livros.

O trabalho está estruturado em quatro seções: 1ª) Teopoética: uma nova perspectiva; 2ª) O Francisco histórico; 3ª) O Francisco de Saramago; 4ª) A tensão entre o desvio e a fidelidade. A partir disso, serão tecidas algumas considerações que reconhecerão a importância da peça de Saramago, mesmo que seja oportuno fazer certas distinções entre o literário e o factual, em suas distintas naturezas. Destacará, principalmente, a sutil proposta saramaguiana de substituição da pobreza franciscana por uma riqueza coletiva.

1 TEOPOÉTICA: UMA NOVA PERSPECTIVA

Para que a análise da peça de Saramago seja metodologicamente adequada aos objetivos propostos, adotamos a perspectiva de um campo de pesquisa atualmente em ascensão, designado por Teopoética, que consiste no diálogo da Teologia com a Literatura, tanto em suas convergências quanto divergências. Tal área de investigação é, no Brasil, segundo Alex Villas Boas, investigador da Universidade Católica Portuguesa (UCP), “uma das áreas que mais têm crescido no âmbito da Teologia e das Ciências da Religião.”⁴

De acordo com Antonio Geraldo Cantarela, pesquisador da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), a Teopoética, nos centros de pesquisa brasileiros, produziu, até o ano de 2012, mais de seiscentos trabalhos, nos mais diversificados gêneros, como artigos científicos, livros, capítulos de livros, dissertações e teses. Quase todos foram escritos no âmbito das instituições públicas e particulares não confessionais, ou seja, pouco se produziu nas instituições de ensino vinculadas a alguma confissão religiosa. Cantarela precisa também que, juntamente com Machado de Assis, Saramago é um dos autores mais estudados no Brasil⁵ e o escritor da peça em foco no presente trabalho.

Aos teólogos, a Teopoética pode parecer irrelevante à primeira vista, dado que a Literatura não consta entre os principais lugares teológicos, dos quais trata o teólogo Melchior Cano.⁶ De fato, teologicamente falando, maior autoridade teológica têm os conteúdos descritos

⁴ VILLAS BOAS, Alex. **Teologia em diálogo com a literatura: origem e tarefa poética da teologia**. São Paulo: Paulus, 2016. p. 11.

⁵ CANTARELA, Antônio G. A pesquisa em teopoética no Brasil: pesquisadores e produção bibliográfica. **Horizonte**: revista de estudos de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, v. 12, n. 36, p. 1228-1251, out./dez. 2014. p. cit. 1228. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n36p1228/7526>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

⁶ Segundo o dominicano M. Cano, os lugares teológicos, em ordem de significância, são os seguintes: 1. Escritura, 2. Tradição, 3. Igreja Católica, 4. Concílios, 5. Igreja Romana, 6. Santos Padres, 7. Teólogos escolásticos, 8. Razão natural, 9. Filósofos, 10. História humana. Nesse panorama, constatamos que a Literatura se enquadra entre os três

na Escritura, na Tradição Apostólica e nos documentos pontifícios. Todavia, ainda que seja um testemunho alheio ou terciário, a razão natural – nela, a Literatura – tem muito a oferecer à Teologia, sobretudo indicando os sinais dos tempos e revelando “uma forma de compreensão do humano, uma antropologia.”⁷ Outrossim, uma obra literária pode exercer grande influência na vida do leitor bem como no inconsciente coletivo dos próprios cristãos. Por tudo isso, a Teologia, sempre em busca de dar respostas oportunas às questões de fé,⁸ deve se ocupar também dos elementos literários.

Nesse diálogo da Teologia com a Literatura, deve-se cuidar para não se estabelecer uma relação ancilar de uma para com a outra.⁹ Ambas devem ser luz e, ao mesmo tempo, receptáculo da luz da outra, isto é, permanecerem abertas para se deixarem questionar pela verdade da outra enquanto propõe sua própria verdade. Isso significa que a Teologia jamais deverá partir do pressuposto de que, em caso de confronto, o conteúdo a ser sacrificado deve ser o da Literatura. Na verdade, a honestidade intelectual exige que a Teologia, ao menos, questione-se e verifique se, de fato, suas teses possuem sólido fundamento, sobretudo antropológico, pois a Literatura pode, sim, manifestar algo jamais pensado, servindo como um *locus revelationis*. Do mesmo modo, não se deve conjecturar que a Literatura tenha sempre a soberania, pois existem coisas que, à luz da pura razão, são inalcançáveis ou incompreensíveis, mas perceptíveis na perspectiva do transcendente.¹⁰

Existem, segundo o pesquisador José Carlos Barcelos, então da Universidade Federal Fluminense (UFF), três grandes paradigmas de articulação da Teopoética: o hermenêutico, o heurístico e o interdisciplinar, a seguir descritos mais especificamente:

[...] no pensamento católico contemporâneo [...] encontram-se três grandes paradigmas de articulação entre a literatura e a teologia: um paradigma hermenêutico (a literatura como forma não-teórica de teologia: prioridade à metodologia dos estudos literários); um paradigma heurístico (a literatura como *lugar-teológico*: prioridade à metodologia teológica) e um paradigma

últimos lugares, também chamados de *testemunhos alheios*. Merece destaque a crítica de Clodovis Boff a essa taxionomia: conforme este, falta, na teoria de M. Cano, “[...] uma integração mais cerrada dos *lugares* em sua articulação recíproca, assim como a da inclusão de outros *lugares*, como a liturgia e os sinais dos tempos.” (BOFF, Clodovis. Volta ao fundamento: réplica. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, n. 68, fasc. 272, p. 892-927, 2008. p. cit. 903, grifos do autor). Acrescentamos que o diálogo proposto pela Teopoética entre a Teologia e a Literatura é exatamente uma dessas integrações que faltam à taxionomia de M. Cano.

⁷ MANZATTO, Antonio. **Teologia e Literatura**: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994. p. 5.

⁸ BÍBLIA de Jerusalém. Rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2012; 1Pd 3,15.

⁹ VILLAS BOAS, 2016, p. 16.

¹⁰ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. 2. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980. p. 2-3; Sum. Theol. I, q. 1, a. I.

interdisciplinar (a literatura e a teologia como pólos de um diálogo intercultural: método da analogia estrutural).¹¹

Adotaremos, neste trabalho, o paradigma interdisciplinar, pelo qual procuraremos indicar os aspectos convergentes e os divergentes entre a perspectiva saramaguiana e a factual-histórica sobre São Francisco de Assis, isto é, as semelhanças e as dessemelhanças existentes entre elas. Com isso, não se desprezará o que há de original tanto na peça de Saramago quanto na Teologia da Vida Consagrada, pelo fato de possuírem valor histórico e ou religioso.

2 O FRANCISCO HISTÓRICO

Conforme descreve Celso Teixeira, pesquisador do Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, São Francisco de Assis nasceu no final do século XII, no ano 1181 ou 1182, e faleceu no dia 03 de outubro de 1226, com pouco mais de quarenta anos. Era de uma família abastada e tinha muitas regalias e abundantes vaidades. Seu pai era comerciante de tecidos, um homem renomado e respeitado em Assis. Seu maior sonho era se tornar um cavaleiro, pois assim ganharia maior *status* social. Para isso, alistou-se duas vezes nas guerras em que Assis estava envolvida: a primeira em Collestrada (1202) e a segunda em Apúlia (fim de 1204 ou início de 1205). Da primeira guerra, saiu como perdedor e prisioneiro. E da segunda, sequer terminou a viagem ao campo de batalha. Quando ainda estava na cidade de Espoleto, teve um sonho que o levou a perceber a frivolidade dos seus projetos de cavalaria. Em razão disso, voltou para a casa de seus pais, sendo este o início de seu processo de conversão.¹²

Em 1206, São Francisco realizou a ruptura definitiva com o que ele próprio chamou de *mundo*.¹³ Isso, porém, gerou uma revolta absoluta em seu pai Pedro Bernardone, pois este esperava que seu filho desse continuidade aos negócios da família. Dois anos mais tarde, no dia 24 de fevereiro de 1208, enquanto participava da celebração da festa de São Matias, São Francisco ouviu a passagem do evangelho de Mateus em que Jesus envia os apóstolos com a seguinte recomendação: “Não leveis ouro, nem prata, nem cobre nos vossos cintos, nem alforge para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem cajado [...]”.¹⁴ A isso, ele aderiu como projeto de vida e observou fielmente até a morte.

¹¹ BARCELLOS, José C. Literatura e teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 9-30, jul./dez. 2000. p. 27. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21716>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

¹² TEIXEIRA, Celso M. (Org.). **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 83-89. p. cit. 83.

¹³ FRANCISCO DE ASSIS. Testamento. In: TEIXEIRA, 2004. p. 188-191. p. cit. 188; Test 3.

¹⁴ Mt 10,9.

Passados pouco menos de dois meses do início de sua missão, apareceram os dois primeiros homens que se propunham a segui-lo em sua forma de vida itinerante e pobre: Bernardo de Quintavalle e Pedro Cattani.¹⁵ Depois disso, vários outros passaram a fazer parte do grupo. De tal modo cresceu essa fraternidade que, “Passados poucos anos, o número daqueles que distribuíram seus bens aos pobres para seguirem o exemplo do pobrezinho de Assis chegou admiravelmente na casa dos milhares.”¹⁶ Segundo Boaventura de Bagnoregio, biógrafo de São Francisco, eram cinco mil frades já no quinto ano da fundação da Ordem.¹⁷ Muitos deles sequer conheciam o fundador pessoalmente.

Não obstante a isso, ainda em vida, São Francisco precisou lidar com a dissidência de alguns frades, isto é, com o desvio do carisma original. Um exemplo disso pode ser encontrado no registro de Frei Tomás de Celano, o primeiro biógrafo do *Poverello*:

Numa ocasião, quando se devia realizar um Capítulo em Santa Maria da Porciúncula e como o tempo já estivesse próximo (cf. 2Tm 4,6), considerando o povo que ali não havia casa, ignorando e, ao mesmo tempo, estando ausente o homem de Deus (cf. 2Rs 4,42), eles [os frades] constroem muito rapidamente uma casa para o Capítulo. Finalmente, voltando o pai [São Francisco] para lá, viu a casa e, indignando-se, ficou intensamente amargurado. Imediatamente se levanta para eliminar por primeiro a construção, sobe ao teto e coloca abaixo as placas com as telhas (cf. Lc 5,19) com mão forte (cf. Ex 20,34). Manda também que os irmãos subam e retirem para longe o monstro contrário à pobreza. Pois dizia que muito depressa se espalharia pela Ordem e seria aceito por todos como exemplo o que naquele lugar parecesse mais arrogante.¹⁸

Desde então, essa problemática de desvio do carisma por parte dos frades vem sendo retomada na história do franciscanismo. Isso porque ela toca, de modo direto, em uma base da ética vocacional: a fidelidade. E quando se quebra a fidelidade, deixa-se de ser credível. É precisamente nesse campo temático que se assenta a peça de Saramago sobre Francisco de Assis.

¹⁵ TEIXEIRA, 2004, p. 84.

¹⁶ PASSOS, Rondinele A. T. A prática do amor na vida fraterna. **Cadernos da Estef**: Vocês são todos irmãos. Porto Alegre, n. 60, p. 31-45, 2018/1. p. cit. 33.

¹⁷ BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. Legenda Maior. In: TEIXEIRA, 2004, p. 551-587. p. cit. 576; LM 4,10.

¹⁸ TOMÁS DE CELANO. Segunda vida de São Francisco. In: TEIXEIRA, 2004, p. 300-441. p. cit. 339; 2Cel 57.

3 O FRANCISCO DE SARAMAGO

A peça *A segunda vida de Francisco de Assis* foi publicada originalmente pela Editorial Caminho, em Portugal, no ano de 1987. É de natureza dramática e dividida em dois atos. Nesse livro, Francisco encontra a Fraternidade como uma companhia institucionalizada e enriquecida e, por isso, tenta restaurá-la à sua fisionomia original de pobreza e simplicidade. Infelizmente, o escrito não teve grande repercussão entre os franciscanos, talvez por não ter sido escrito por um teólogo ou por um historiador. Atualmente, no Brasil, tal produção pode ser encontrada no livro intitulado *Que farei com este livro?*, publicado pela Companhia das Letras, contendo três trabalhos do autor: 1) *Que farei com este livro?*; 2) *A noite*; 3) *A segunda vida de Francisco de Assis*. O fato de a editora ter colocado somente o nome da primeira peça na capa do livro faz com que as outras duas tenham menos visibilidade (ou não a tenham) e se tornem mais difíceis de serem encontradas pelos interessados.¹⁹

A peça de Saramago alvo deste estudo estabelece uma relação de correspondência entre a estória narrada e as personagens que nela orbitam para com a história da Ordem Franciscana, o seu fundador e as pessoas envolvidas no contexto inicial do fenômeno franciscano. Entretanto, o texto de Saramago não mostra intenção de se estabelecer como uma biografia factual ou algo que vá além da literatura enquanto arte ficcional. Porém, não se trata de uma espécie de literatura de mera fruição ou passiva, se assim podemos chamar; ela é crítica e quer fomentar a crítica religiosa. Nesse sentido, podemos lembrar de outros títulos de Saramago, como o romance *O evangelho segundo Jesus Cristo*, lançado em 1991.

O livro começa com Francisco já decepcionado diante do novo perfil dado à Ordem que criara, sem seu consentimento. Então, valendo-se da prerrogativa de fundador, propõe uma votação para assumir a função de presidente e restaurar a companhia, na tentativa de fazê-la voltar ao modelo inicial de fraternidade minorítica.²⁰ Não logrando êxito, o conselho faz uma segunda votação, na qual, com o voto de minerva do presidente Elias, Francisco é admitido como um membro do conselho que toma as decisões gerenciais. Como ofício, recebe a missão de formar os agentes.²¹

A propósito, a tradicional *Regra* de São Francisco contém os elementos constitutivos da vocação franciscana, a saber: a recepção de novos frades, o ofício divino, o jejum, a

¹⁹ SARAMAGO, José. *A Segunda Vida de Francisco de Assis*. In: _____. **Que farei com este livro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 159-232.

²⁰ SARAMAGO, p. 2010, p. 176.

²¹ SARAMAGO, 2010, p. 189.

humildade, a recusa ao dinheiro, a expropriação, o trabalho, a esmola, o cuidado dos irmãos enfermos, a penitência, a eleição do ministro geral, a pregação, a correção fraterna, a relação com as mulheres e a missão.²² Como se pode perceber, nenhum desses tópicos condizem com a proposta de uma companhia, como a encontrada por Francisco em sua *segunda vida*.

O diretor-geral dessa companhia é o pai de Francisco, o senhor Pedro, um homem totalmente vinculado ao projeto capitalista da companhia e, em grande parte, também responsável pelo enriquecimento da instituição.²³ Sua presença reforça o quanto a companhia se afastara dos traços iniciais, dado que Pedro repugna o ideal abraçado por seu filho. De modo semelhante à história tradicional, a relação existente entre esse pai e esse filho é bastante conflituosa. A diferença é que aqui, no mundo literário, os papéis se tornaram inversos, como sublinha Salma Ferraz, pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC):

Bem ao contrário da tradição que aponta o pai de Francisco como o algoz do filho, perseguindo e amaldiçoando a sua opção por Cristo e pelos pobres, na biografia saramaguiana é Francisco quem finalmente amaldiçoa o pai, desejando-lhe a morte.²⁴

Saramago descreve um Francisco que rejeita a reconciliação com o seu pai,²⁵ o que é chocante, se comparado com o conteúdo das biografias oficiais e tidas por históricas. Nelas, em, ao menos, três episódios, São Francisco demonstrou ser um promotor da paz: a) quando solucionou o problema dos cidadãos de Gubbio em relação a um suposto lobo que os ameaçava;²⁶ b) quando foi ao encontro do Sultão do Egito “armado só com a sua fé e com a sua mansidão pessoal”;²⁷ c) quando, por meio do Cântico das Criaturas, promoveu a reconciliação entre o bispo e o *podestà* de Assis.²⁸ Além disso, voltando a Saramago, Dona Pica, mãe de Francisco, chama o filho e também o senhor Pedro de “loucos, cegos e orgulhosos.”²⁹ E o próprio pai chama o filho de “demônio”.³⁰ Isso desconstrói a imagem de Francisco, propõe uma outra, na qual ele passa a ser visto surpreendentemente como um homem imperfeito e errante.

²² FRANCISCO DE ASSIS. Regra Bulada. In: TEIXEIRA, 2004, p. 157-165.

²³ SARAMAGO, 2010, p. 171.

²⁴ FERRAZ, Salma. **Dicionário de personagens da obra de José Saramago**. Blumenau: Edifurb, 2012. p. 146.

²⁵ SARAMAGO, 2010, p. 192.

²⁶ TEIXEIRA, 2004, p. 1525-1527; Fior 21.

²⁷ BENTO XVI. **Audiência Geral**: São Francisco de Assis. Vaticano, 27 jan 2010. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100127.html>.

Acesso em: 28 mar 2021.

²⁸ TEIXEIRA, 2004, p. 915; CA 84.

²⁹ SARAMAGO, 2010, p. 193.

³⁰ SARAMAGO, 2010, p. 193.

Vemos aí Saramago como que jogando com todas essas questões já deveras cristalizadas na mente de crentes e também de não crentes.

Ao assumir o ofício de formar os agentes da companhia, o Francisco personagem decide instruí-los conforme o conteúdo da *Regra*. E, por isso, acaba entrando em confronto com Elias, o presidente da companhia, que, embora não dissesse abertamente, não pretende que os agentes aprendam aqueles ensinamentos, carregados de motivações para a observância da pobreza evangélica. Por sinal, tal ideal trata-se um valor não só para os franciscanos, mas também para toda a Vida Religiosa Consagrada da Igreja Católica. A partir de citações bíblicas bem específicas, como Mt 2,1-12, os religiosos compreendem que seguir a pobreza é seguir a Cristo.³¹

A tensão se deve ao fato de que, nessa estória, a *Regra* se trata apenas de um documento simbólico dentro da companhia, uma vez que é entregue aos agentes quando entram na instituição, mas depois se torna completamente esquecida, sobretudo porque a prática dos conselheiros se opõe ao que nela está escrito. Portanto, a proposta de Francisco de educar os agentes segundo a *Regra* equivale à uma afronta ao projeto institucional, interessado somente no aumento dos lucros.³²

Tal questão é levada ao conselho e Elias acusa o próprio fundador de não entender os seus frades.³³ E assim, o presidente propõe que Francisco continue com uma cadeira no conselho, sem deter, porém, nenhum poder de decisão ou de fala, isto é, teria uma presença apenas decorativa na instituição, tal qual como o é a *Regra*. E a maioria dos participantes votam a favor de tal proposta, com exceção de Leão e Junípero.³⁴

Apesar de não ser uma conselheira, Clara expressa sua opinião, demonstrando sua fidelidade ao fundador. Afirma não estar disposta a atender à decisão do conselho, com o argumento de que a *Regra* a autoriza a desobedecer aos superiores em caso de normas falhas ou de caráter pecaminoso.³⁵ Para ela, a decisão do conselho é algo desumano.³⁶ Em acréscimo à rebeldia de Clara, Leão e Junípero também resolvem desobedecer à decisão do conselho.

³¹ RIDICK, Joyce. **Un tesoro en vasijas de barro**. Madrid: Sociedad de Educación Atenas, 1988. p. 29.

³² É importante verificar se atualmente isso acontece na Ordem Franciscana, ou seja, se os formandos abandonam a *Regra* após a conclusão do processo formativo. Para isso, serão dedicados alguns parágrafos mais adiante, quando for dissertado sobre as constituições das três ordens franciscanas, as quais regulam a vida dos franciscanos hoje, sob pena de suspensão da comunidade religiosa (CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 1983. p. 307; CDC, cân. 662).

³³ SARAMAGO, 2010, p. 209.

³⁴ SARAMAGO, 2010, p. 213.

³⁵ Este é um aspecto comum entre a peça de Saramago e as *Fontes Franciscanas*, pois, de fato, na *Regra Bulada* há uma concepção de desobediência em caso de ordens que “sejam contrárias à alma e à nossa *Regra*.” (FRANCISCO DE ASSIS, 2004, p. 163; RB X,4, grifo nosso).

³⁶ SARAMAGO, 2010, p. 214.

Essa fidelidade de Clara a Francisco é um dado que coincide com as biografias históricas: em seu *Testamento*, por exemplo, ela se intitulou *plantinha de Francisco*.³⁷ Todavia, na perspectiva saramaguiana, a relação existente entre os dois santos ultrapassa a amizade e a cumplicidade vocacional, estendendo-se também ao âmbito da genitalidade.³⁸ Quanto a isso, é preciso afirmar que as *Fontes Franciscanas* sequer cogitam tal possibilidade. Nelas não se encontra qualquer indício de que chegou a haver algum instante erótico entre os dois. Frei Raniero Cantalamessa, expressando o ponto de vista ortodoxo, em um de seus artigos, explicou que “Entre Clara e Francisco havia certamente um fortíssimo vínculo também humano, mas de tipo paterno e filial, não sponsal.”³⁹ Portanto, esse é um ponto em que Saramago contribui para a preservação de uma imagem diferenciada, não canônica, por assim dizer, dos dois santos de Assis.

Após seu notável fracasso diante do conselho, Francisco manda chamar um pobre de nome Pedro, que teoricamente o ajudará a destruir a companhia. Nesse ínterim, afirma que todos os pobres serão reis no céu e recorda, com compaixão, como sua condição os deixa mal cheirosos. Ele diz a Elias que o “Rei dos pobres só poderia ser o rico que fosse rei dos ricos.”⁴⁰ Em outras palavras, quis dizer que o excesso de riqueza é a verdadeira pobreza, pois desvaloriza o ser humano.

O Francisco de Saramago – e, nesse aspecto, não apenas o dele – acredita que, no fundo, a pessoa mais pobre é aquela que só tem dinheiro,⁴¹ e, por isso, crê que um homem indigente possa lhe ajudar a fazer a companhia voltar a ser o que era no início. Surpreendentemente, o pobre Pedro, ao constatar que os pobres são impotentes diante dos ricos e que também vivem uma pobreza diferente daquela proposta aos religiosos, recusa-se a ajudar Francisco. E ainda acrescenta: “[...] ao louvares a pobreza, afirmaste a bondade do sofrimento dos pobres.”⁴² Com isso, a peça de Saramago poderia acusar o franciscanismo de transmitir ao mundo a ideia de que indigência é algo bom, quando, na verdade, é um mal a ser combatido.

Por fim, Francisco decide empenhar-se para eliminar a pobreza do mundo e se retira definitivamente da companhia. Com ele, foram Clara, Leão, Júnipero e Pica. Enquanto isso, a

³⁷ TEIXEIRA, 2004, p. 1728; TestCl 37.

³⁸ Saramago já havia aludido a esse romance entre São Francisco e Santa Clara no livro *Memorial do Convento*. (BORGES, Ana P. C. **Do santo ao homem**: Francisco de Assis sob o olhar de Saramago. 101 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 19).

³⁹ CANTALAMESSA, Raniero. **Francisco e Clara, dois enamorados de quem?** São Paulo, 25 out 2011. Não paginado. Disponível em: < <https://franciscanos.org.br/vidacrista/francisco-e-clara-dois-enamorados-de-quem/#gsc.tab=0>>. Acesso em: 26 março 2021.

⁴⁰ SARAMAGO, 2010, p. 218.

⁴¹ SARAMAGO, 2010, p. 219.

⁴² SARAMAGO, 2010, p. 221.

companhia deve ter seguido adiante – essa ideia fica apenas subtendida no encerramento da peça. Sobre essa saída de Francisco da companhia, Ferraz comenta:

A decisão que o Francisco de Saramago toma após esse fato surpreende a todos que conhecem um pouco da biografia do santo. Ele afirma que vai embora e que a pobreza não é santa. Dizer que a pobreza não é santa pode ser tida quase como uma profanação pelos franciscanos. Essa frase pronunciada pelo próprio fundador é praticamente uma heresia.⁴³

Sendo assim, a peça de Saramago desvaloriza o voto de pobreza realizado pelos franciscanos e, por acréscimo, por todos os demais religiosos, com o argumento de que ela é incapaz de solucionar os problemas sociais hodiernos. E, de fato, é-o. Também no passado ela não conseguiu sanar as situações de penúria vividas pela grande massa humana. O máximo que atingiu foi ajudar a alguns. Pensemos no empenho do próprio São Francisco em reestabelecer os leprosos.⁴⁴ Ele não conseguiu eliminar a lepra (hoje chamada de hanseníase) de modo geral, mas somente aliviou o sofrimento de alguns leprosos individualmente. Também Jesus, em sua vida pública, limitou-se a curar ou a proteger a uns poucos necessitados, ainda que exaustivamente.⁴⁵ Deve-se, portanto, levantar a seguinte questão: devem os religiosos abdicar da pobreza evangélica para, dispendo de maiores recursos, ajudar os pobres e excluídos da sociedade?

⁴³ FERRAZ, 2021, p. 147-148.

⁴⁴ TOMÁS DE CELANO. Primeira vida de São Francisco. In: TEIXEIRA, 2004, p. 197-299, p. cit. 209; 1Cel 17.

⁴⁵ Mt 8,2-4; 13,58; Mc 3,7-12; Lc 4,38-44; 9,1-6.

4 A TENSÃO ENTRE O DESVIO E A FIDELIDADE

O decreto *Perfectae Caritatis* do Concílio Vaticano II, que trata especificamente da Vida Religiosa, ao referir-se à pobreza evangélica ensina que ela é abraçada para seguir a Cristo pobre.⁴⁶ O seguimento de Cristo é, portanto, a finalidade da pobreza professada e vivida pelos religiosos, incluindo os franciscanos. Não que a solidariedade com os pobres seja irrisória. Ao contrário, o voto de pobreza induz a ela – sobre isso há eloquentes parágrafos nas constituições das três Ordens Franciscanas do ramo masculino.⁴⁷ Contudo, essa solidariedade não pode ser entendida como o critério para se estabelecer se a pobreza franciscana deve ou não continuar a ser cultivada, como pretende a peça de Saramago. Isso porque o bem que se faz aos necessitados se enquadra como decorrência do seguimento a Cristo e não como fim em si mesmo.

Outra crítica do autor português que necessita ser examinada é a de que os frades não mais vivem a pobreza. Ao se considerar as constituições supracitadas, fica perceptível que as Ordens Franciscanas versam sobre a pobreza e, diferentemente do descrito na peça saramaguiana, insistem que seja observada inclusive após o período de Formação Inicial. As *Constituições dos Frades Conventuais*, por exemplo, chegam a utilizar a expressão latina *sub gravi*⁴⁸ para reforçar que a vivência dos votos é uma condição *sine qua non* para ser frade, isto é, indispensável. As *Constituições dos Frades Capuchinhos* ousam a estabelecer o critério de viver com o “mínimo necessário, não o máximo permitido.”⁴⁹ E, por fim, as *Constituições dos Frades Observantes* assentam que inclusive os frades de votos perpétuos estão privados do direito à propriedade, seja ela de qual natureza for.⁵⁰

Com essas referências às constituições, pretende-se demonstrar o quanto o voto de pobreza ainda continua sendo um valor de suma importância para a família franciscana. Tanto é verdade, que alguns jovens descobrem a sua vocação ao franciscanismo através do testemunho de pobreza dos frades. Uma demonstração mais radical disso pode ser encontrada nas dezenas de santos e beatos franciscanos que viveram pobremente em tempos modernos, como São Pio

⁴⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Perfectae Caritatis*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 277-295. p. cit. 287; PC 13.

⁴⁷ CONSTITUIÇÕES da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e ordenações dos Capítulos Gerais com a Regra e o Testamento de São Francisco. Porto Alegre: Estef, 2014. p. 78-79; Const. 61,2-63,2. THE RULE, the General Constitutions, the General Statutes of the Order of Friars Minor. Roma: OFM General Curia, 2016. p. 35; Const. 72,3. COSTITUZIONI Ordine dei Frati Minori Conventuali. Roma: Curia Generalizia dell’Ordine dei Frati Minori Conventuali, 2019. p. 49; Cost. 14,3.

⁴⁸ COSTITUZIONI, 2019, p. 46; Cost. 9,5.

⁴⁹ CONSTITUIÇÕES, 2014, p. 83; Const. 71,3.

⁵⁰ THE RULE, 2016, p. 23; Rul. 8,1.

de Pietrelcina, São Maximiliano Maria Kolbe, São Leopoldo Mandic e Santo Antônio de Sant'Ana Galvão, sem citar os santos da Segunda e da Terceira Ordem Franciscana.

Todas as três constituições recorrem ao exemplo e às palavras de São Francisco de Assis para incentivar a austeridade e a pobreza de vida. Se isso não fosse um valor para os franciscanos de hoje, com certeza, não se encontraria nesses documentos normativos referências a esses valores originais do franciscanismo; simplesmente, recorreriam ao argumento de que os valores primitivos não correspondem mais às necessidades dos tempos atuais e estabeleceriam novas regras, novas metas e, por conseguinte, novo carisma. Em outras palavras, o conteúdo do franciscanismo continua o mesmo. Houve apenas uma mudança no método de aplicação, o qual foi sendo adaptado e melhorado ao longo dos séculos até chegarmos ao que temos hoje.⁵¹

Com essa afirmação, todavia, não se pretende negar o fato de que a Ordem Franciscana se institucionalizou e de que há desvios no aspecto da pobreza. De fato, ela não contém mais todas as características dos tempos de São Francisco, apesar de que os aspectos em descontinuidade sejam aqueles ligados mais diretamente ao caráter devocional, de vivência da piedade cotidiana dos frades. Certamente, o Seráfico Pai se escandalizaria diante de alguns excessos que hoje se podem notar, como o requinte das roupas de alguns frades e de algumas construções. O próprio Concílio Vaticano II constatou um certo afastamento carismático nas diversas congregações religiosas e pediu que elas voltassem às fontes.⁵²

Contudo, não se pode cair no outro extremo de proclamar que os franciscanos não são, em totalidade, fiéis à vocação desejada por seu fundador. Certamente, ainda há neles – embora possa haver exceções – um grande desejo e um inegável esforço para cultivar o carisma franciscano, como fora demonstrado acima. A Ordem Franciscana não conseguiria sobreviver se não se adaptasse às necessidades contextuais e não se institucionalizasse. Na verdade, em partes, a intuição sobreviveu graças à instituição.⁵³ Atualmente, por exemplo, no Brasil, nem é permitido que uma associação civil exista sem um cadastro jurídico – o CNPJ.

Além disso, a busca por meios de garantia de subsistência tornou-se uma necessidade imprescindível desde o momento em que a Ordem Franciscana deixou de ser um pequeno grupo

⁵¹ Algumas mudanças ocorreram inclusive quando São Francisco ainda era vivo e foram realizadas por ele mesmo. Por exemplo: inicialmente, todos os irmãos leigos rezavam uma sequência de pai-nossos enquanto os clérigos rezavam o Ofício Divino; posteriormente, os leigos letrados foram admitidos também ao coro do Ofício. (DESBONNETS, Théophile. **Da Intuição à instituição**. Petrópolis: Cefepal, 1987. p. 50.104-105). Outras mudanças, porém, foram realizadas a partir da iniciativa dos frades. “[São Francisco] Não só guiou o grupo, mas deixou-se enriquecer pelo grupo.” (FLOOD, David. **Frei Francisco e o movimento franciscano**. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 211).

⁵² CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 279; PC 2.

⁵³ DESBONNETS, 1987, p. 14.

de poucos homens e passou a ser uma instituição composta por milhares de membros.⁵⁴ Naquela época, século XIII, ainda era possível viver sem recorrer ao dinheiro, pois o sistema capitalista ainda não havia substituído o feudalismo completamente.⁵⁵ Entretanto, hoje, no século XXI, o dinheiro constitui o único meio de permuta. Sem ele, não se consegue sequer sobreviver. Portanto, é um anacronismo recorrer à *Regra* para negar aos frades do presente o direito de possuir dinheiro. O que se pode fazer, e até convém, é admoestá-los quando estiverem exagerando em seu uso.

CONCLUSÃO

Após a análise da peça, cabe afirmar que Saramago foi um escritor muito sábio, um conhecedor profundo da língua portuguesa e detentor de um vocabulário imenso. Demonstrou ter domínio da Filosofia bem como de outras ciências humanas, como a História, a Geografia e, também, a Teologia. Por meio de argumentos bastante sutis e inteligentes, buscou refutar os princípios mais recorrentes do cristianismo – como o da pobreza evangélica –, em vista da formação de novos leitores e de uma consciência crítica.

Ele demonstrou ainda possuir notável conhecimento a respeito da história tradicional de São Francisco. Os detalhes utilizados em sua peça apontam para isso. A propósito, em uma entrevista aos professores da Universidade Federal de Minas Gerais, o próprio Saramago afirmou ter lido algumas biografias de São Francisco de Assis.⁵⁶ Convém referir ainda à correspondência entre a ficção e a história na relação conflituosa de Francisco com seu pai Pedro Bernardone e harmoniosa com sua mãe, dona Pica, e com sua amiga Santa Clara. Destacam-se também a menção fidedigna dos nomes dos primeiros frades (Junípero, Leão, Gil, etc.) e as características que deu a cada um deles. Ademais, Saramago apresenta dados pouco conhecidos sobre São Francisco, mas factíveis, como sua amizade com Frei Leão. Isso, é claro, se dermos crédito aos biógrafos de Francisco de Assis enquanto ser humano.

Além dessas semelhanças entre os elementos da história factual dos primeiros frades e os da literatura escrita por Saramago, apareceram algumas dessemelhanças, ou melhor, alguns elementos originais do autor. A motivação principal para a pobreza franciscana é talvez o

⁵⁴ SPOTO, Donald. **Francisco de Assis: o santo relutante**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. p. 227-268.

⁵⁵ FASSINI, Dorvalino F. F. **Vida e regra franciscana: estranhando sua primeira versão vinda até nós**. Porto Alegre: Província São Francisco de Assis, 2005. p. 224.

⁵⁶ BORGES, 2008, p. 17.

principal exemplo. Para os franciscanos, tal motivação é o exemplo evangélico de Jesus Cristo; para Saramago, porém, é a solidariedade com os pobres.

Uma outra contribuição trazida por esse livro que gostaríamos de aqui destacar é a de que ele chama a atenção para a exclusão que o capitalismo vem causando a muitas pessoas em nossa sociedade. Com efeito, não se pode fechar os olhos ao fato de que esse sistema não é perfeito, possui limitações, assim como os demais sistemas já empregados ao longo da história do mundo. Ao comunismo, remete-se à crítica da falta da liberdade; ao feudalismo, à crítica da vassalagem; e, ao capitalismo, deve-se levantar especialmente a crítica da desigualdade. Enquanto houver pessoas sendo postas em condições desumanas de vida, não se poderá dizer que alcançamos o sistema econômico adequado. É preciso empenhar-se para que absolutamente todos tenham vida em abundância.⁵⁷

Há ainda outras reflexões que podem ser feitas a partir do livro *A segunda vida de Francisco de Assis* e que não apareceram neste artigo por não coadunarem diretamente com o nosso tema de estudo. Seriam, por exemplo, a relação dos frades com as irmãs clarissas, as referências a passagens da Sagrada Escritura, o voto de obediência, o lugar na mulher na sociedade e na Igreja. Cada um desses pontos pode ser aprofundado em outros trabalhos individuais. Aqui se buscou tratar especificamente da pobreza franciscana.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, José C. Literatura e teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 9-30, jul./dez. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21716>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

BENTO XVI. **Audiência Geral**: São Francisco de Assis. Vaticano, 27 jan 2010. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100127.html>. Acesso em: 28 mar 2021.

BÍBLIA de Jerusalém. Rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2012.

BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. Legenda Maior. In: TEIXEIRA, Celso M. (Org.). **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 551-587.

BOFF, Clodovis. Volta ao fundamento: réplica. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, n. 68, fasc. 272, p. 892-927, 2008.

⁵⁷ Jo 10,10.

BORGES, Ana P. C. **Do santo ao homem: Francisco de Assis sob o olhar de Saramago**. 101 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CANTALAMESSA, Raniero. **Francisco e Clara, dois enamorados de quem?** São Paulo, 25 out 2011. Não paginado. Disponível em: < https://franciscanos.org.br/vidacrista/francisco-e-clara-dois-enamorados-de-quem/#_gsc.tab=0>. Acesso em: 26 março 2021.

CANTARELA, Antônio G. A pesquisa em teopoética no Brasil: pesquisadores e produção bibliográfica. **Horizonte**: revista de estudos de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, v. 12, n. 36, p. 1228-1251, out./dez. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n36p1228/7526>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 1983.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Perfectae Caritatis*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 277-295.

CONSTITUIÇÕES da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e ordenações dos Capítulos Gerais com a Regra e o Testamento de São Francisco. Porto Alegre: Estef, 2014.

CONTI, Martinho. **Leitura bíblica da Regra Franciscana**. Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1983.

COSTITUZIONI Ordine dei Frati Minori Conventuali. Roma: Curia Generalizia dell'Ordine dei Frati Minori Conventuali, 2019.

DESBONNETS, Théophile. **Da Intuição à instituição**. Petrópolis: Cefepal, 1987.

FASSINI, Dorvalino F. F. **Vida e regra franciscana: estranhando sua primeira versão vinda até nós**. Porto Alegre: Província São Francisco de Assis, 2005.

FERRAZ, Salma. **Dicionário de personagens da obra de José Saramago**. Blumenau: Edifurb, 2012.

FLOOD, David. **Frei Francisco e o movimento franciscano**. Petrópolis: Vozes, 1986.

FRANCISCO DE ASSIS. Regra Bulada. In: TEIXEIRA, Celso M. (Org.). **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 157-165.

FRANCISCO DE ASSIS. Testamento. In: TEIXEIRA, Celso M. (Org.). **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 188-191.

MANZATTO, Antonio. **Teologia e Literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado**. São Paulo: Loyola, 1994.

PASQUINI, Adriana S. **Os Frades Menores Capuchinhos e a educação no Paraná no século XX (1920-1976)**. 255 p. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

PASSOS, Rondinele A. T. A prática do amor na vida fraterna. **Cadernos da Estef**: Vocês são todos irmãos. Porto Alegre, n. 60, p. 31-45, 2018/1.

RIDICK, Joyce. **Un tesoro en vasijas de barro**. Madrid: Sociedad de Educación Atenas, 1988.

SARAMAGO, José. A Segunda Vida de Francisco de Assis. In: _____. **Que farei com este livro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 159-232.

SPOTO, Donald. **Francisco de Assis: o santo relutante**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

TEIXEIRA, Celso M. (Org.). **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Vozes, 2004.

THE RULE, the General Constitutions, the General Statutes of the Order of Friars Minor. Roma: OFM General Curia, 2016.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. 2. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980.

TOMÁS DE CELANO. Segunda vida de São Francisco. In: TEIXEIRA, Celso M. (Org.). **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 300-441.

VILLAS BOAS, Alex. **Teologia em diálogo com a literatura: origem e tarefa poética da teologia**. São Paulo: Paulus, 2016.